



Biografia do autor

Euclides da Cunha, nascido em 1866 e morto em 1909, sobressaiu-se em muitas atividades. Como militar, protestou contra a Monarquia e fez duras críticas à República. Como engenheiro, chefiou a demarcação de fronteiras brasileiras e construiu pontes e ferrovias. Mas foi como correspondente de guerra, acompanhando o conflito de Canudos, que eternizou seu nome. A partir dessa cobertura jornalística, Euclides criou uma das mais essenciais obras da nossa história.

Abaixo, confira o resumo biográfico do autor:

1866 - Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasce, em 20 de janeiro, na fazenda Saudade, em Cantagalo, na província do Rio de Janeiro.

1869 - Morre sua mãe, Eudóxia Moreira da Cunha, que deixa órfãos Euclides e sua irmã Adélia.

1874 - Começa os estudos no Colégio Caldeira, em São Fidélis, no interior do Rio de Janeiro.

1884 - Publica seu primeiro artigo, "Em viagem", no jornal *O Democrata*, dos alunos do Colégio Aquino.

1885 - Estuda engenharia na Escola Politécnica, no Rio de Janeiro.

1886 - Ingressa no curso de estado-maior e engenharia militar da Escola Militar, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

1888 - É desligado da Escola Militar por causa de um protesto contra a Monarquia. Publica os primeiros artigos de propaganda republicana em *A Província de S. Paulo*.

1889 - Retorna à Escola Politécnica, para prosseguir os estudos de engenharia. Volta ao Exército com a proclamação da República.

1890 - Matricula-se na Escola Superior de Guerra e é promovido a segundo-tenente. Casa-se com Ana, filha do coronel Frederico Solon Sampaio Ribeiro, um dos líderes militares da proclamação da República.

1892 - Conclui o curso da Escola Superior de Guerra e é promovido a tenente. Defende, em artigos em *O Estado de S. Paulo*, o governo do marechal Floriano Peixoto.

1894 - Constrói, como oficial da Diretoria de Obras Militares, trincheiras e fortificações durante a Revolta Armada, no Rio de Janeiro. Critica, em cartas à *Gazeta de Notícias*, a proposta de execução sumária dos rebeldes e oposicionistas.

1896 - Pede reforma do Exército e trabalha, no estado de São Paulo, como engenheiro da Superintendência de Obras Públicas.

1897 - Viaja à Bahia e escreve reportagens sobre a guerra de Canudos, de agosto a outubro, para *O Estado de S. Paulo*.

1898 - Mora por três anos em São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo, onde escreve grande parte de *Os Sertões* na cidade.

1902 - Publica *Os Sertões* pela Editora Laemmert, que se torna um sucesso de público e de crítica.

1903 - É eleito para a Academia Brasileira de Letras e toma posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Demite-se, no final do ano, da Superintendência de Obras Públicas.

1904 - Viaja para a Amazônia como chefe da comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus, na fronteira entre o Brasil e o Peru.

1906 - Retorna ao Rio de Janeiro, onde trabalha como adido ao barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores.

1909 - Entra para o Colégio Pedro II como professor de lógica. Morre, em 15 de agosto, em troca de tiros com o cadete Dilermando de Assis, amante de sua mulher.

Walnice Nogueira Galvão
Variantes e comentários (*Os Sertões*)

Walnice Nogueira Galvão é professora titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Com esta cuidadosa edição crítica, presta um tributo a *Os Sertões* e ao seu autor. Durante nove anos de trabalho intenso e meticuloso, estudou e comparou as várias edições corrigidas pelo escritor para estabelecer o texto definitivo da obra. Não só produziu uma edição de referência, mas também se tornou uma referência obrigatória nos estudos sobre a obra de Euclides da Cunha.

O essencial da obra

Civilidade e sertão: oposição ou semelhança?

Os Sertões é um livro complexo e denso, que permitiu entender um Brasil até então completamente desconhecido pelos brasileiros. Seu autor, Euclides da Cunha, foi um escritor que uniu em si tanto o gosto pelo romantismo transformador e crítico como a racionalidade cientificista do fim do século XIX.

Essas duas influências literárias são o pano de fundo da escrita euclidiana, por um lado, cheia de termos e análises científicas, dividida entre ensaio e narração e, por outro, marcada pelo teor de denúncia de que se reveste *Os Sertões*, visto pelo autor como um "livro vingador".

O país vivia o advento da República, que surge pelo desejo de uma nova organização política, mas vinculada a um pensamento positivista, de influência estrangeira. Fundava-se um novo país, mas que, sem ter originalidade, atrelava-se a maneiras de pensar e agir importadas. Nos primeiros momentos, o autor empolga-se com o republicanismo, pois o vê como uma evolução natural das sociedades, uma modernização da vida política em relação à ultrapassada monarquia. Os seus primeiros escritos em jornais sobre a rebelião de Canudos ainda estão movidos por esse raciocínio, o que faz com que o autor critique os conselheiristas por seu fanatismo atrasado e sua defesa da monarquia. Exalta a necessidade de a república dominar esta rebelião como meio de demonstrar a todos os opositores sua supremacia natural evolutiva.

Porém, quando Euclides da Cunha parte como correspondente do jornal *O Estado de S.Paulo* para o local da batalha e confronta-se com a realidade do conflito, sua maneira de pensar transforma-se. A crítica, antes calcada em um ideal de evolução defeituosa do povo sertanejo, de seu atraso em desacordo com a modernidade, é revista. Percebe outros motivos para o conflito: o insulamento daquele povo, as dificuldades de existência no meio ambiente hostil do sertão e o esquecimento por parte de todas as esferas governamentais. Ao ver a força do sertanejo, até então desconhecida, passa a acreditar que este deve ser integrado ao Brasil para se criar uma única nação. Se antes acreditava que o atraso sertanejo deveria ser consertado pela supressão, após a batalha percebe a necessidade de se integrar esse povo à civilização brasileira.

É dotado dessa concepção que Euclides da Cunha se choca com a violência da guerra fratricida, sua irracionalidade que põe em combate dois povos que habitam um mesmo território, mas não têm consciência um do outro. Assim como muda sua visão do sertanejo, muda também a visão que tinha do exército brasileiro, antes moderno, portador dos avanços militares e culturais da civilização, mas que se entrega à barbárie no campo de batalha. Em suma, Euclides da Cunha perde a visão maniqueísta, percebendo, entre sertanejos e soldados republicanos, mais semelhanças que diferenças.

Biblioteca CVD